

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

O POVOADO NEO-ENEOLÍTICO DAS SALEMAS, PONTE DE LOUSA.

FERREIRA, O. da Veiga; CASTRO, L. de Albuquerque e

Ano: 1967 | Número: 77

Como citar este documento:

FERREIRA, O. da Veiga; CASTRO, L. de Albuquerque e, O Povoado neo-eneolítico das Salemas, Ponte de Lousa. *Revista de Guimarães*, 77 (1-2) Jan.-Jun. 1967, p. 39-45.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmiento.uminho.pt

URL: www.csarmiento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

O povoado neo-eneolítico das Salemas (Ponte de Lousa)

Por O. DA VEIGA FERREIRA

^c
L. DE ALBUQUERQUE E CASTRO.

I—Introdução

A região das Salemas têm-se revelado duma riqueza muito particular sob ponto de vista pré-histórico. Mais de um estudo foi já publicado sobre a arqueologia da região (1).

No seguimento desses trabalhos vamos agora apresentar o estudo do povoado neo-eneolítico que ocupa ou ocupava o lapiaz ali existente, pois este foi destruído pela pedreira.

No meio desse lapiaz, e aproveitando as irregularidades rochosas, instalaram os homens pré-históricos de

(1) J. Roche, J. Camarate França, O. da Veiga Ferreira e G. Zbyszewski, «Le paléolithique supérieur de la grotte de Salemas (Ponte de Lousa)». *Com. Serv. Geol. de Portugal*. T. XLVI, Lisboa, 1962.

J. Roche, O. da Veiga Ferreira e J. Camarate França, «Sagaie à base pointue trouvée dans le niveau périgordien de la grotte de Salemas». *Com. Serv. Geol. de Portugal*, T. XLV, Lisboa, 1961.

G. Zbyszewski, «Jazidas quaternárias de Salemas (Loures) e de Columbeira (Bombarral)». *Com à Classe de Ciências da Academia da Ciências*, Lisboa, 1963.

Denise Ferembach, «Les ossements de Salemas» (Portugal). *Com. Serv. Geol. de Portugal*. T. XLVIII, Lisboa, 1964-65.

Denise Ferembach, «La deuxième molaire déciduale inférieure de la grotte de Salemas «Portugal». *Com. Serv. Geol. de Portugal*, T. XLVI, Lisboa, 1962.

O. da Veiga Ferreira, «Os pendentes de osso «canelados» do Nível I da Gruta das Salemas (Ponte de Lousa). *Revista de Guimarães*, vol. LXXXV, Guimarães, 1965.

então as suas moradas. Também deveriam ter enterrado os seus mortos nas anfratuosidades da rocha, pois durante os trabalhos de desmonte de terras para a futura pedreira foram descobertos restos humanos.

II—*Lista do material recolhido*

- 7 machados de anfíbolito.
- 6 machados de diorito?
- 6 machados de xisto anfíbólico
- 1 enxó de anfíbolito
- 3 enxós de xisto anfíbólico
- 5 escopros de anfíbolito
- 2 machados percutores de anfíbolito
- 17 fragmentos de pedra polida de anfíbolito, de xisto anfíbólico, de dolerito etc.
- 10 lâminas de sílex retocadas
- 25 fragmentos de lâminas de sílex com retoques
- 3 lâminas de sílex sem retoques
- 41 fragmentos de lâminas de sílex sem retoques
- 1 segmento de círculo de sílex
- 1 trapézio de sílex
- 3 furadores (1 *tarière*) de sílex
- 1 lâmina denticulada de sílex
- 1 lâmina com truncatura oblíqua de sílex
- 2 lamelas de sílex com «*coche*»
- 7 núcleos de sílex
- 8 raspadeiras de sílex
- 1 raspadeira côncava de sílex
- 5 fragmentos de sílex com retoques
- Muitos resíduos de fabricação
- 1 estatueta de «terra cota» *tipo Comporta*
- 5 percutores de quartzito
- 1 percutor duplo de quartzito
- 2 fragmentos de hematite para pintura (tatuagem)

Cerâmica

- 9 bordos com protuberâncias mamilares
- 6 bordos com asa de botão com perfuração

- 5 bordos com cordão em nós e com protuberâncias troncónicas
- 2 bordos de asa simples com furação horizontal
- 5 bordos com furo cónico de suspensão
- 1 bordo com incisões a punção no rebordo. As incisões são em duas filas
- 1 fragmento com losangos em xadrez
- 1 fragmento com incisões paralelas a punção largo, rectangular
- 3 fragmentos com incisões paralelas com a ajuda de um punção elíptico
- 2 fragmentos com cordão ornamentado de incisões verticais largas e paralelas
- Vários fragmentos de cerâmica incisa desde os triângulos, traços interrompidos, punção largo, quadrada, traços obliquos, traços verticais, falsa folha de acácia, etc.
- Muitos fragmentos de cerâmica lisa alguns com carena

III — *Descrição do material mais importante, considerações finais e cronologia*

Neste capítulo apenas nos referiremos em pormenor ao material que ofereça mais raridade ou que possa servir de termo de comparação importante.

Assim a estatueta de *terra cota* é o segundo elemento deste género aparecido em Portugal de que tenhamos conhecimento, porquanto o primeiro foi por nós assinalado já (1). Esta é de menores dimensões e não tem marcados os olhos nem a tatuagem facial, porém a forma e concepção são as mesmas. Talvez tivesse sido pintada? Dimensões: altura-89mm; base-43mm x 49mm; diâmetro na parte superior-25mm.

Outro elemento de destaque é a ponta de sílex «tarière». É um belo exemplar com trabalho bifacial de

(1) Colecção dos Serviços Geológicos de Portugal, L. Ribeiro, G. Zbyszewski e O. da Veiga Ferreira, «Estatueta de «terra cota» de Comporta-Setúbal», *Arquivo de Beja*, Vol. XXII, Beja, 1965.

técnica quase solutroide. Comprimento actual-79mm; largura na base-26mm; largura na ponta-6mm; espessura-9mm.

Um dos núcleos de calcedónia é um belo exemplar deste tipo de peças. Tem paralelo com os núcleos de selecção do Monte de Servas (Vila Longa) (1), de Cascais (2), Palmela (3), Liceia (4) etc. Comprimento-50mm.

Também de entre as lâminas de sílex com muito retoque salientamos uma, a única que está retocada, em toda a volta, quer na ponta, lados e até na base. Tem um bulbo extraordinário num dos bordos e cremos que foi utilizado como elemento de foice de tipo egípcio. É dos melhores exemplares que conhecemos. Há uma outra do mesmo tipo, menos correcto, e que também apresenta o mesmo polimento num dos bordos. Estamos firmemente convencidos que foram grandes elementos rectilínios de foice de cabo comprido, isto é, o que vulgarmente se chama hoje «segadeira».

É muito interessante a presença no povoado de micrólitos, alguns dos quais como um segmento de círculo, prendem a atenção pelo seu esmerado trabalho de retoque.

Também a presença de algumas lamelas com «coche» lembram as reminiscências da indústria microlítica dos concheiros do Vale do Tejo (5).

A presença duma pequena raspadeira côncava reforça esta nossa impressão.

De entre as pequenas lâminas, quase sem trabalho, ressalta uma com truncatura oblíqua, na ponta, que evidencia, sem dúvida, trabalho semelhante ao das lâminas

(1) A. do Paço, «Grutas do Poço Velho ou de Cascais», *Com. Serv. Geol. de Portugal*, T. XXII, Lisboa, 1941.

(2) Vera Leisner, G. Zbyszewski e O. da Veiga Ferreira, «Les grottes artificielles et la culture du vase campaniforme», *Mem. Serv. Geol. de Portugal*, n.º 8, Lisboa, 1961.

(3) Carlos Ribeiro, «Notícia de Algumas Estações e Monumentos Pré-históricos», Lisboa, 1878.

(4) Vide bibliografia de J. Roche e Veiga Ferreira sobre os concheiros de Muge.

(5) É preciso notar que não se trata de uma exploração metódica, mas sim da recolha de materiais encontrados pelos trabalhadores no seu afã de destruir o lapiaz para a obtenção de brita des-

dos concheiros mesolíticos, ou quiçá de indústrias ainda mais recuadas.

Dos machados de pedra polida e de outros instrumentos semelhantes nada há de especial a relatar sendo a sua descoberta aqui relativamente fraca, pelo menos a contar pelos exemplares recolhidos. (1).

A maior riqueza, porém, do povoado é-nos demonstrada pela presença de enormes quantidades de cerâmica lisa ou ornamentada, assim como de uma série de formas muito vasta.

Os restos de grandes vasos de forma ovoide com asas furadas e robustas para a suspensão são os mais frequentes. Conseguimos há anos a reconstituição de um destes vasos (2).

A seguir podemos apontar os vasos com protuberâncias mamilares, asas em botão, os vasos com furos de suspensão, assim como dois fragmentos com ornamentação interna (3).

Na cerâmica ornamentada nada temos de campaniforme típico. A cerâmica é quase toda ornamentada a punção e incisa. Também a há ornamentada a «unhadas» e com canceluras interrompidas. Temos um único fragmento com ornamentação em losangos (xadrez).

tinada à construção, destruindo também assim um dos povoados mais interessantes da nossa pré-história, sem que ninguém responsável pelas antiguidades nacionais se oponha a tal vandalismo.

Quando acabará este massacre impune das nossas antiguidades? Quando deixará de existir gente que não nutre o mais pequeno respeito pelos restos dos nossos antepassados? Como se permite que se entreguem tarefas de responsabilidade a pessoas que não têm o mínimo respeito não só pelas nossas antigualhas, como também pelos pobres cultores delas, que na maior parte dos casos o fazem com sacrifício próprio quer de bens, quer de saúde, enquanto que a maior parte dessas pessoas vive a troçar de quem tenta fazer alguma coisa pelo património arqueológico e artístico dos nossos maiores? Tudo isto é de entristecer e de desencorajar!

(1) L. de Albuquerque e Castro e O. da Veiga Ferreira, «Vaso de tipo neolítico do Alto da Toupeira», *Actas e Memórias, do I Congresso Nacional de Arqueologia*, Vol. I, Lisboa, 1959.

(2) Vera Leisner, «Vasos eneolíticos decorados no interior» *Rev. de Guimarães*, vol. LXXI, n.º 3-4, 1961.

(3) J. F. N. Delgado, «La grotte de Furninha à Peniche» *Congrès International d'Anthropologie et d'Archéologie Préhistoriques*, Lisbonne, 1884.

Alguma cerâmica tem paralelo na gruta da Furninha (Peniche) (1), como a que tem asas em botão perfurado com ornamentação em «unhadas» ou a punção.

Também na gruta da nascente do Rio Almonda (1) se notam cerâmicas próximas às das Salemas. Na cerâmica da Gruta da Casa da Moura (2) alguns cordões dos bordos são ornamentados como os da cerâmica das Salemas. Os furos de suspensão também aparecem na cerâmica da Cesareda tal qual se notam nas Salemas.

A cerâmica lisa tem, pelos fragmentos encontrados, formas que vão desde o pequeno vaso hemisférico até os grandes pratos e vasos de colo alto, tão frequentes em estações deste tipo mediterrânico.

No Castro do Zambujal, em Torres Vedras, e no de Vila Nova de S. Pedro, no Cartaxo, existem, nos níveis pré-campaniformes, cerâmicas que se aproximam, quanto à ornamentação, à do povoado das Salemas.

Ainda podemos tecer algumas considerações finais sobre o espólio recolhido no povoado. Infelizmente, como acima se viu, devido às condições especiais em que o material foi recolhido, não nos foi possível estudar os elementos de adorno que certamente existiram mas que pela falta de crivagem das terras não foi possível recolher. Mesmo assim com os elementos que possuímos parece estarmos em face de um povoado de raízes neolíticas já com influências do período seguinte, e estaríamos em presença talvez do único povoado da região da Península de Lisboa com estas características.

Infelizmente não nos foi possível mandar fazer análise do rádio carbono 14 para este povoado, de forma que, para a cronologia, apenas podemos contar com os elementos colhidos. Um desses elementos mais preciosos é o grande vaso de colo, fundo cónico e asas de suspensão de *tipo malaguenho* e que aparece em estações neolíticas da litoral mediterrânico podendo ser datado de 3.000 anos a.C.

(1) A. do Paço, Maxime Vaultier e G. Zbyszewski, «Gruta da nascente do rio Almonda». *Trab. de Antrop. e Etnolog.*, vol. XI, fasc. I, Porto, 1947.

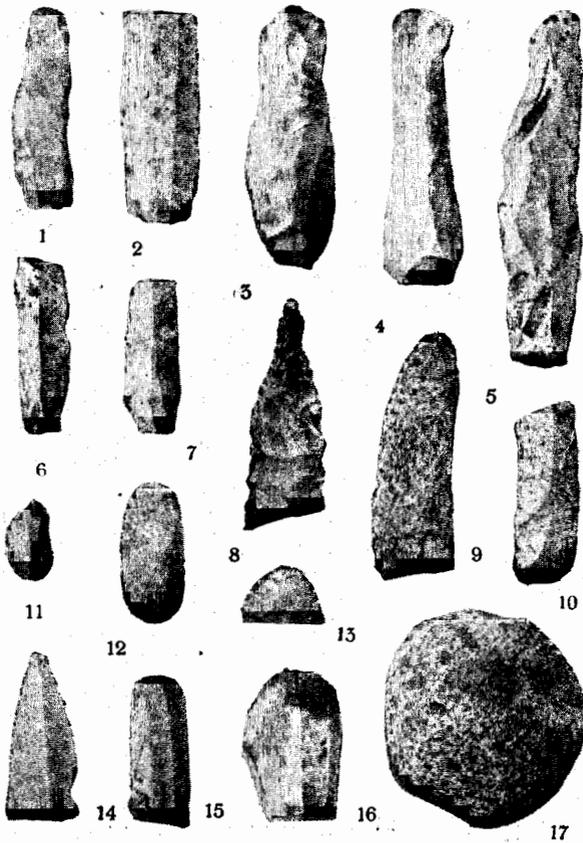
(2) Delgado J. F. Nery, «Notícia acerca das grutas de Cesareda», Lisboa, 1867.

O estudo do material lítico leva-nos também à mesma conclusão, pois a presença de indústria microlítica *tipo Cabeço da Arruda*, faz-nos, recuar bastante a cronologia desta estação. Nós sabemos que o rádio carbono 14 deu para aquele concheiro a data de 5.000 anos; por conseguinte estaríamos, nas Salemas, num povoado possivelmente descendente desse povos que habitaram o vale do Tejo e talvez o Vale do Sado. Não sabemos qual a data dos concheiros do Sado, pois muito embora aí se tenham feito escavações, não consta que haja qualquer estudo feito e publicado, nem que se tenha procedido a qualquer análise do rádio carbono 14. Pela indústria microlítica, que um dos signatários (V. F.) teve a suprema ventura de ver há pouco, parece estarmos em presença de povos da mesma cultura dos que fizeram os concheiros de Muge.

É muito difícil, por enquanto, dizer mais sobre o Neolítico, pois só agora se começa a ver que deverá existir muito mais Neolítico em Portugal do que até há bem pouco tempo se pensava.

Só novas explorações orientadas com critério e bom senso poderão conduzir a conclusões mais seguras.

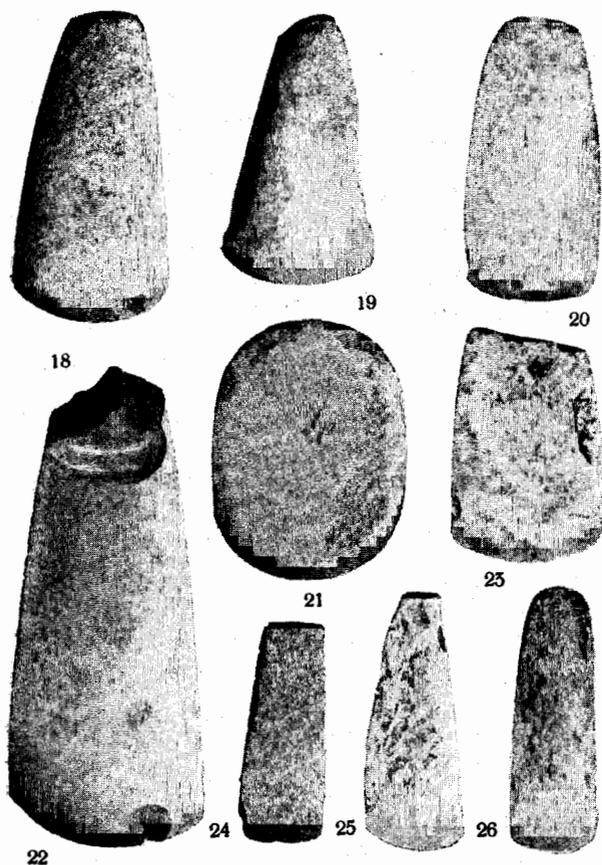
Podemos, no entanto, dizer que o povoado das Salemas tem uma cultura com fortes raízes do Neolítico mediterrânico.



Povoado das Salemas

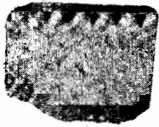
- 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 10, 15 — Lâminas de sílex de feição rude
 8 — Ponta-alargadeira de sílex (*tarière*)
 9 — Placa de osso
 11 — Lâmina de sílex com truncatura oblíqua
 12 — Percutor alongado de quartzito
 13 — Segmento de círculo de sílex de base recta
 14 — Ponta de sílex retocada
 16 — Núcleo de sílex
 17 — Percutor esferoidal de quartzito leitoso

Est. II

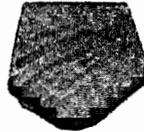


Povoado das Salemas

- 18, 19, 20, 22, 25 — Machados de pedra polida
21 — Percutor pilão
23 — Enxó de pedra polida
24 e 26 — Escopros



27



28



29



30



31



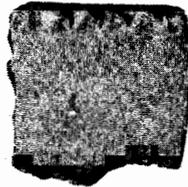
32



33



34



35

Povoado das Salemas

27 a 35—Diversos tipos de bordos de cerâmica ornamentada

O n.º 31 é do tipo de cerâmicas ornamentadas por dentro. (Vera Leisner «Vasos eneolíticos decorados no interior», *Rev. de Guimarães*, vol. LXXI, n.º 3-4, Guimarães 1961)

Est. IV



36



37



38



39



42



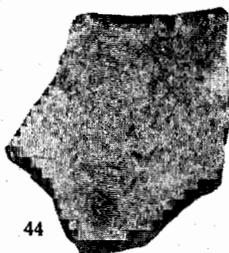
40



41



43



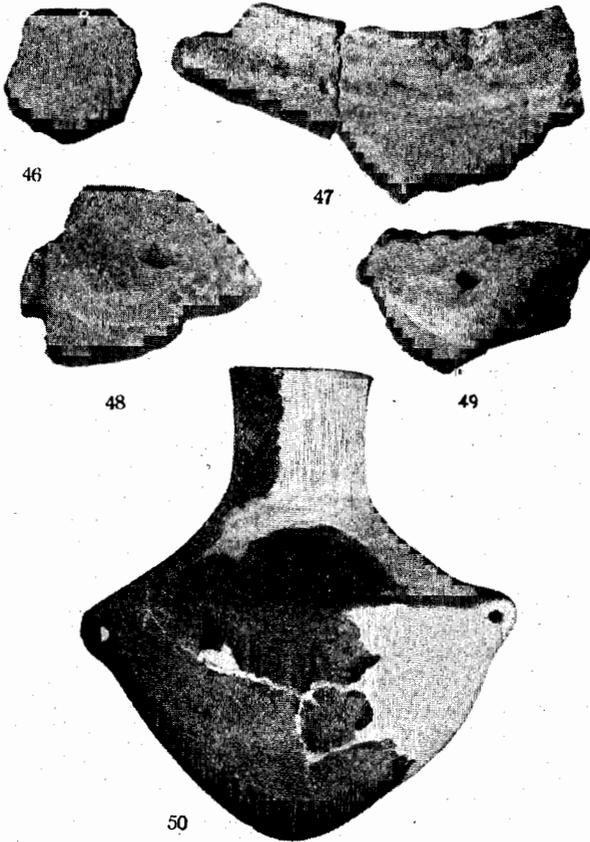
44



45

Povoado das Salemas

36 a 45 — Diversos tipos de cerâmica ornamentada



Povoado das Salemas

- 46 — Fragmento de cerâmica ornamentada
47, 48, 49 — Tipos de asa para suspensão
50 — Vaso de «tipo malaguenho» descoberto em 1957.

(Vidé Albuquerque e Castro e O. da Veiga Ferreira,
«Vaso de tipo neolítico do «Alto da Toupeira», *Com. ao
I Congresso Nacional de Arqueologia*).